

Esta casa é minha

Cenatexto

Na Cenatexto desta aula veremos como Eduardo se arrumou. Será que ele conseguiu reunir os documentos e o dinheiro necessários para garantir a tão sonhada casa? Eduardo não estava disposto a deixar de lado seu projeto, assim tão facilmente. Confira.

A caminho do serviço, enquanto viajava aqueles bons quilômetros de ônibus, Eduardo ia sonhando com sua casinha. “Atrás, no quintal, vou separar um pedaço do lote para fazer mais um cômodo. No resto do terreno, faço minha horta. É chegar do serviço e ir mexer com a terra, uma coisa de que sempre gostei. A Meire já disse que quer um jardim. A gente pode fazer uma cerca viva na divisa do terreno e um jardim do portão de entrada até perto da porta da sala.”

Eduardo ia assim distraído e pensativo em direção à fábrica, sonhando, quando se lembrou das obrigações que o esperavam naquele dia. Tinha de cumprir mais uma maratona em busca dos documentos. Ia ter de descobrir, ainda, como arrumar o resto do dinheiro para a compra da casa e, no final da tarde, tinha prometido a Meire ir até onde estava sendo construído o conjunto para, mais uma vez, darem uma olhada no local.

Antes disso tudo, porém, havia um dia de trabalho que mal começava.

– Bom dia, Eduardo. E daí? Já arrumou o dinheiro pra casa? – perguntou Antônio assim que avistou o amigo.

– Que nada. Nesta noite nem dormi direito, pensando em como arrumar o resto. E foi aí que fiquei me lembrando, com muita raiva, do Paulo Roberto, que numa hora dessas tira o corpo fora. Mas, tive uma idéia: logo mais, vou estar com um compadre que veio do interior.

Eduardo trabalhou naquele dia na maior expectativa. Não via a hora de estar lá, em frente ao terreno onde já estavam sendo feitas as obras de terraplanagem para a construção de mais casas do conjunto habitacional. Na hora marcada, ele estava lá no ponto de ônibus, esperando pela mulher.

– Oi, Eduardo! Já chegou há muito tempo? O meu ônibus custou a passar – disse Meire.

– Não, acabei de chegar, mas vamos logo que ainda quero aproveitar a luz do dia.

– Eu nem acredito que a gente vai mesmo comprar esta casa – comentou Meire.

– Eu não sei, não. Às vezes pintam dúvidas, pois até agora não temos todo o dinheiro.

– Mas, Eduardo, porque não fala você mesmo com os diretores lá na fábrica?

- É difícil, sabe? A gente nem conhece ninguém. Acho que nem seria recebido por eles. Mas hoje me lembrei de procurar o compadre Zeca, para ver se ele me ajuda. Afinal, sempre o ajudei muito e ele nunca foi de negar fogo.

- Olha, Eduardo, que lugar tranqüilo. Os meninos vão correr e brincar à vontade, entusiasmou-se Meire, ao avistar o conjunto.

- É perfeito! É o lugar com que sonhei! Já sei onde quero a horta e o jardim. Sei até como vou puxar mais um cômodo, na parte de trás da casa.

Os dois pararam em frente a uma rua que mal começava a ser aberta e que, pelos cálculos de Eduardo, era justamente a rua que passaria em frente a casa de número 8, a escolhida por ele e sua mulher. Por uns bons momentos, os dois ficaram ali abraçados, contemplando aquela rua, idealizando a casa e deixando para mais tarde a solução dos problemas.



Releia este trecho da Cematexto:

No caminho do serviço, enquanto viajava aqueles **bons quilômetros** de ônibus, Eduardo ia sonhando com sua casinha.

Repare que o narrador falou em *bons quilômetros*. O que significa **bons quilômetros**? Serão quilômetros bondosos? É claro que não. O adjetivo *bons* nesse caso tem outro sentido, veja como o dicionário registra essa palavra:

bom. [Do lat. *bonu.*] *adj.* **1.** Que tem todas as qualidades adequadas à sua natureza ou função: *bom carro, boa vaca.* **2.** Benévolo, bondoso, benigno: *Tem bom coração.* **3.** Misericordioso, caritativo. **4.** Rigoroso no cumprimento de suas obrigações: *bom pai de família.* **5.** Eficiente, competente, hábil: *bom médico; bom pintor.* **6.** Digno de crédito, seguro, garantido: *bom investimento.* **7.** Próprio, adequado: *água boa para se beber.* **8.** Em palavras ou expressões relativas a tempo, pode ser usado com intensivo, reforçando a idéia nelas contida: *Fiquei um bom quarto de hora à sua espera.* **ser bom de.** *bras.* Ser muito apto, muito capaz, muito hábil em (alguma coisa): *É bom de briga; É bom de bola.* **ser bom em.** *bras.* Ser muito competente, ser profundo em (determinado ramo do conhecimento): *O homem é bom em Português.*

Dicionário

1. Indique em que sentido o adjetivo *bom* foi usado na frase transcrita da Cenatexto.

.....

2. Escreva frases com a palavra *bom*, de acordo com o sentido indicado:

a) Sentido 8:

.....

b) Sentido 1:

.....

3. Observe outro trecho da Cenatexto:

*Já sei onde quero a horta e o jardim. Sei até como vou puxar mais um **cômodo**, na parte de trás da casa.*

Consulte o dicionário e indique o que a palavra *cômodo* significa nessa frase dita por Eduardo.

.....

4. A palavra *cômodo*, no sentido em que foi empregada no exercício anterior, é um substantivo. Veja agora uma frase que poderia ter sido dita por Eduardo numa conversa com Antônio.

*Quero comprar a casa para ter uma vida mais *cômoda*.*

Volte ao dicionário e responda:

a) O que significa a palavra *cômoda* na frase mencionada?

.....

b) A que classe gramatical pertence essa palavra?

.....

Entendimento

1. Considere esta passagem da Cenatexto:

Que nada. Nesta noite nem dormi direito, pensando em como arrumar o resto. E foi aí que fiquei me lembrando, com muita raiva, do Paulo Roberto, que, numa hora dessas, tira o corpo fora. Mas tive uma idéia: logo mais, vou estar com um compadre que veio comigo do interior.

Qual seria o assunto da conversa com o compadre?

2. Indique um motivo apresentado por Eduardo para não conversar diretamente com os diretores.
3. Diga, resumidamente, que tarefas Eduardo teria de cumprir para realizar a compra da casa?
4. Quais eram os planos que o casal tinha para a futura casa?

Em aulas anteriores, você viu algumas figuras de linguagem como a *metáfora*, a *metonímia* e *comparação*.

Nesta aula, você conhecerá a **hipérbole**, uma figura de linguagem que consiste em dar realce ao pensamento por meio do emprego de uma expressão exagerada. A característica mais importante da hipóbole é o *exagero*. A fala do dia-a-dia está repleta de hipóboles. A todo momento, as pessoas dizem frases como:

*Estava **morrendo** de vontade de...*
*Eles cantaram **mais de mil** músicas...*
*Quase comi **um boi inteiro** de tanta fome.*

É evidente que ninguém interpreta essas falas ao pé da letra. O que se pretende, nesses casos, é realçar e enfatizar o pensamento. Note que é muito comum o uso de **hipóboles** em períodos que contêm **orações subordinadas adverbiais consecutivas**, que você também já aprendeu. Veja:

A casa é tão longe, que nem Deus sabe onde ela fica.
A prestação da casa estava tão alta, que nem um milionário conseguiria pagá-la.

1. A seguir, você tem alguns períodos incompletos. Complete-os com orações subordinadas adverbiais consecutivas que apresentem hipóboles.

- a) *A prestação da casa estava tão alta,*

- b) *A comida era tão pouca,*

- c) *Ele tinha de preparar tantos documentos,*

- d) *O serviço era tanto,*

Conferir *vida, ação, voz e movimento* a seres que não têm vida, isto é, a seres inanimados, é fazer uso de uma figura de linguagem chamada **prosopopéia**. Pelo fato de animar seres inanimados, essa figura de linguagem também é chamada de **personificação**.

Observe a letra da conhecida música **Barracão**. Repare como os compositores se referem ao barracão como se ele fosse uma pessoa.

Barracão

Luiz Antônio e Oldemar Magalhães

*Ah, Barracão
 pendurado no morro
 e pedindo socorro
 à cidade aos seus pés*

*Ah, Barracão
 tua voz eu escuto
 não te esqueço um minuto
 porque sei quem tu és.
 Barracão de zinco,
 pobre e tão infeliz.*

2. Destaque nessa letra, os versos em que ocorre a **prosopopéia**.

.....

Na Cenatexto, Eduardo idealiza a casa que pretende comprar. Segundo ele, terá uma horta, um jardim com algumas plantas, uma cerca viva. Dessa forma, a personagem faz uma descrição da casa em sua mente.

Quando Eduardo procurava a casa, ele consultou anúncios de jornal. Como você sabe, os anúncios também são uma espécie de “descrição” do imóvel, mas bem resumida e sobretudo mostrando os espaços. Observe a descrição de uma casa, transcrita da seção de classificados de um dos jornais consultados por Eduardo:

Vendo excelente casa, ampla sala, 2 quartos, 1 bonito banheiro com piso em cerâmica, ótima dependência, 1 vaga na garagem. Próxima a colégio e a supermercado. Rua 8 conjunto X. Venha conferir. Preço a combinar. Tel. contato: 222-01234

Repare que, mesmo que de maneira resumida, o jornal dá as características da casa que anuncia. As descrições de casas, evidentemente, não aparecem somente em textos que retratam a realidade objetiva.

Vários escritores se utilizam desse tema, *a casa*, para produzirem textos descritivos literários. Você mesmo já viu uma descrição de casa feita por José de Alencar no seu livro *O guarani* e outros poemas e músicas sobre a casa, como *Barracão*.

Leia, agora, uma descrição da casa materna feita por Vinícius de Moraes.

A casa materna



É sempre quieta a casa materna, mesmo aos domingos, quando as mãos filiais se pousam sobre a mesa farta do almoço, repetindo uma antiga imagem.

Há um tradicional silêncio em suas salas e um dorido repouso em suas poltrona.



O assoalho encerado, sobre o qual ainda escorrega o fantasma de cachorrinha preta, guarda as mesma mancha e o mesmo taco solto de outras primaveras. As coisas vivem como em prece, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mutuamente.



O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar.

A casa materna é o espelho de outras, em pequenas coisas que o olhar filial admirava ao tempo que tudo era belo: O licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. E tem um corredor de cujo teto á noite pende luz morta, com negras aberturas para quartos cheios de sombras.

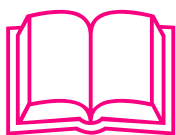
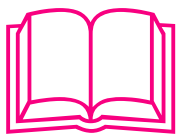


Na estante junto a escada há um Tesouro da Juventude com o grosso puído de tato e de tempo. Foi ali que o olhar filial primeiro viu a forma gráfica de algo que passaria a ser para ele a forma suprema da beleza: o verso.

Arte e vida

Na aula passada, você estudou o *Romantismo*, estilo de época que contou com escritores e poetas até hoje festejados e reconhecidos pelos brasileiros.

Agora, você vai ler um dos mais conhecidos poemas dessa estética literária. Ele retrata importantes características românticas: o *saudosismo*, a *idealização da infância* e o *culto à natureza*. Trata-se do conhecidíssimo poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, aquele poeta do qual você ouviu falar na aula anterior.



Meus oito anos

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tarde fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*

*Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira alma inocência
Como perfumes a flor;*

*O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!*

*Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!*

Veja aqui alguns dados sobre a vida desse poeta.

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de São João (Rio de Janeiro), em 1839, e faleceu no mesmo local em 1860. Filho de um comerciante português, foi enviado pelo pai a Portugal para exercer atividades de comércio. É muito restrita a obra do poeta, que morreu de tuberculose aos 21 anos. Sua produção literária encontra-se num único livro chamado *Primaveras* (1859) publicado um ano antes de sua morte.

Álvares de Azevedo é outro poeta do Romantismo brasileiro, cujos poemas falam de amor, de mocinhas ingênuas e puras, de mulheres misteriosas, da morte, do sofrimento e da dor. Leia alguns trechos de um conhecido poema desse autor.

Lembrança de morrer
(fragmento)

*Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobro de um sineiro
(...)
Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minhas tristezas te definhas!...
(...)
Se uma lágrima as pálpebras me inundam
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!
(...)
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
- Foi poeta - sonhou - e amou na vida.*



Fonte: Álvares de Azevedo. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Aguilar/MEC, 1971. Pág. 107-8.

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo, em 1831, e faleceu no Rio de Janeiro em 1852. A morte foi um tema constante na obra deste poeta que, aos 20 anos, morreu vítima de um tumor na fossa ilíaca (ocasionado pela queda de um cavalo). Não publicou nada em vida, mas deixou uma grande produção poética, além de importantes obras em prosa. Destacamos algumas de suas obras mais conhecidas: *Lira dos vinte anos* (poesia); *O Conde Lopo* (poesia); *Macário* (prosa); *Noite na taverna* (prosa).